

Comunicação, glocal e cibercultura. *Bunkerização* da existência no imaginário mediático contemporâneo.

Eugênio Trivinho¹

O ensaio visa a dissecar a significação social-histórica e o modus operandi do fenômeno glocal na civilização mediática avançada. Neologismo resultante da hibridação cumulativa de dois vocábulos comprometidos - global e local -, invenção tecnocultural da era das telecomunicações, o glocal constitui o veio fundamental em que se assenta o processo civilizatório mais recente, em todas as dimensões implicadas, do social ao econômico, do político ao cultural. Ele encerra o modo irreduzível de auto-organização da vida humana quando inteiramente indexada pelo vetor mediático. Na cibercultura, em particular, esse fenômeno se flexibiliza, se diversifica e se aprofunda, numa palavra, se reescala: arranja-se como bunker - bunker interativo, de que resulta a bunkerização da existência e da experiência cotidianas -, dilatando os vínculos umbilicais (não raro, obliterados) entre comunicação e campo bélico. O ensaio levanta elementos para a renovação da crítica da cibercultura.

Palavras-chave: cibercultura, glocal, bunkerização.

This essay is dedicated to the socio-historical signification dissection and the glocal phenomenon modus operandi at the advanced mediatic civilization. The neologism, resulting from the cumulative hybridization of two committed terms - global and local -, techno cultural invention of the telecommunication's era, the glocal happens to be the main vein where the most recent civilizatory process lays upon, in all implicated dimensions, from the social to the economic, from the political to the cultural. It encloses the irreducible way of human's life self-organization when it is completely indexed by the mediatic vector. In cyberculture, this phenomenon is particularly more flexible, it diversifies and deepen itself, in one word, it reschedule itself: it arranges itself as a bunker - interactive bunker, from which the bunkerization of the daily existence and experience results -, enlarging the umbilical (not rare, obliterated) bonds between the communication and the war field. The essay arises elements for renewing the critique of the cyberculture.

Key words: cyberculture, glocal, bunkerization.

El ensayo está dedicado a la disección de la significación socio histórica y del modus operandi del fenómeno glocal en la civilización mediática avanzada. Un neologismo que resulta de la hibridación acumulativa de dos vocablos comprometidos - global y local -, una invención tecnocultural de la era de las telecomunicaciones, lo glocal constituye la vena fundamental en la que se apoya el proceso civilizatorio más reciente en todas las dimensiones implicadas, desde lo social a lo económico, desde lo político a lo cultural. El abarca el modo irreductible de la autorganización de la vida humana cuando está totalmente indexada por el vector mediático. En particular, en la cibercultura, ese fenómeno se flexibiliza, se diversifica y se profundiza; en una palabra, se reescala: se dispone como bunker - un bunker interactivo que trae como resultado la bunkerización de la existencia y de la experiencia cotidianas -, dilatando los vínculos umbilicales (no raramente obliterados) entre comunicación y campo bélico. El ensayo propone elementos para la renovación de la crítica de la cibercultura.

Palabras clave: cibercultura, glocal, bunkerización.

¹ Professor Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

Negar: nada melhor para emancipar o espírito. Mas a negação só é fecunda enquanto nos esforçamos por conquistá-la e nos apropriamos dela; uma vez adquirida, aprisiona-nos: uma cadeia como qualquer outra. Escravidão por escravidão, mais vale orientarmo-nos no sentido do ser, embora tal não seja possível sem alguma dilaceração: trata-se, nem mais nem menos, de nos subtrairmos ao contágio do nada, ao conforto de uma vertigem...

Emile Cioran (s/d, p. 171)

Nós negamos e temos de negar, pois algo em nós está querendo viver e se afirmar, algo que talvez ainda não conheçamos, ainda não vejamos! – Estou dizendo isso em favor da crítica.

Friedrich Nietzsche (2001, p. 208; grifos do autor)

Contextualização temática, teórica e epistemológica²

Réquiem para um neomaniqueísmo corrente

Em matéria econômica e mediática, o conceito de globalização tornou-se cânone antes mesmo da demonstração de sua utilidade teórica. Vítima da estereotipia própria das nomenclaturas vazias, globalização, de *per se*, diz, hoje, tudo e, portanto, nada. *Mutatis mutandis*, idêntico destino, pouco menos mítico, experimentou, em matéria cultural, a categoria do localismo ou da localização, representativa das culturas processadas no *hic et nunc*, em algum lugar do mundo, *vis-à-vis*, (representativo) da fragmentação cultural, que as teorias pós-modernas mais politizadas esposaram como alternativa estratégica à ordem totalitária das grandes visões de mundo.

Mesmo análises e interpretações as mais instigantes e politicamente relevantes pouco escapam a essa peculiar espiral de célere desgaste, sobretudo quando propendem para uma das duas vertentes, em total

detrimento da secundarizada. A constatação, na literatura ensaística em Ciências Humanas e Sociais – mormente nas áreas de Filosofia, Economia, Sociologia, Ciência Política e Antropologia Cultural –, da associação, por um lado, entre a globalização econômica e a reedição histórica da categoria do universal e, por outro, entre a fragmentação sociocultural e o renascimento reescalado do valor dos espaços geográficos pontuais constitui hoje experiência trivial. Em particular, os derivativos do conceito de lugar são recorrentemente imaginados como via de resistência à primeira tendência ou como forma de sua assimilação³.

Acresce a isso o fato de ser comum que, nas áreas do saber mencionadas, as reflexões teóricas sobre os dois itinerários, isolados, ou sobre as relações entre ambos – mormente no sentido apontado (uma falácia nacionalista, na verdade), o de que o primeiro gera, em percurso inverso, a necessidade de auto-afirmação das culturas regionais – não incorporem (ou, ao menos, não priorizem, na devida conta) ensinamentos fundamentais da história da comunicação no século XX, nem do que palpita na fase mediática mais recente do processo histórico. Não por acaso, suspende-se, em geral, nesse âmbito, a percepção de um fenômeno sociotécnico ainda mais importante, já consolidado na vida cotidiana com força inaudita e que, operando na e a partir da base das duas vertentes

² Artigo apresentado no Grupo de Trabalho “Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade” da COMPOS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, no XIII Encontro da instituição, realizado na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em São Bernardo do Campo, no período de 22 a 25 de junho de 2004.

³ Explicam-se, por isso, as também copiosas preocupações políticas em relação à necessidade identitária, inclusive como tática de exorcismo do fantasma da entropia.

mencionadas, já as suplantou, sem deixar rastros. Trata-se, numa palavra, do *fenômeno glocal*, tal como especificado mais adiante.

Numa condição de época fincada em maniqueísmos renovados, de tônica economicista e culturalista (neste último caso, especialmente da parte da sociologia da cultura, dos estudos culturais e da etnometodologia da comunicação), sempre pétreos tanto em natureza, quanto no que tange à relação interpólos, a priorização proposital do que destoa da doxa tem efeito de *non-sense*. O risco corrente é o da inexistência de ouvidos para a diferença, fonte de raro prazer na investigação teórica e geralmente mais próxima do movimento real do social-histórico⁴.

Com efeito, o debate contemporâneo em torno dos resultados da percepção acerca do *modus operandi* do existente está mal colocado. Urge, realmente, dar-lhe novos trilhos e redimensioná-lo, em réquiem para o neomaniqueísmo corrente, bifurcado na disritmia entre a retórica da economia política conservadora, alinhada ao princípio (não raro, veladamente estruturalista) da totalidade, e o discurso culturalista politizado, centrado nas identidades locais e nas estratégias de resistência possíveis.

Nessa esteira, vislumbrando novos horizontes epistemológicos para a teoria e para a crítica da comunicação e da cibercultura, no patamar de complexidade em que os processos se jogam e se definem, publicou-se, em 2001, um trabalho (constante das referências bibliográficas) que encerrava uma sinopse da temática de que trata, em escala um pouco mais avançada, o presente texto⁵. A argumentação constituiu,

então, o passo inaugural de uma obra em desenvolvimento, fincada em pesquisa de médio curso, abrigada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, e cuja publicação, sob o título *Glocal*, está prevista para os próximos anos.

Antes de especificar a natureza e os objetivos do presente ensaio, são necessárias algumas considerações teóricas e epistemológicas.

A categoria do glocal

Nos últimos anos, a categoria do glocal passou a ser sobejamente utilizada no âmbito corporativo (sobretudo multinacional)⁶. Nesse reduto, cuja tônica é a da celebração, o glocal perfaz a imagem de tendência tecnoburocrática a ser seguida, consubstanciada, *grosso modo*, no princípio pragmático segundo o qual toda ação economicamente relevante deve referenciar-se na comunidade, isto é, num contexto espacial e cultural definido e, ao mesmo tempo, ater-se a parâmetros técnicos internacionalmente padronizados e consagrados pelo mercado.

A apropriação do conceito pelas Ciências Humanas e Sociais, à luz – mais que da mera compreensão, constatação e descrição – da metateoria epistemológica de orientação crítica, deve, pois, antes de tais áreas estabelecerem os termos de sua perspectiva, operar, nesse âmbito, ruptura e desvio fundamentais, de grande monta e em larga escala⁷. São dois os movimentos prioritários: além da apropriação do significante (glocal) por tal

⁴ Para efeito do presente estudo, entende-se, em linhas gerais, por social-histórico (na função seja de substantivo, seja de adjetivo) a dimensão espaço-temporal de determinado fenômeno, acontecimento, fato e/ou tendência dado(s) e compreendido(s) no quadro do processo civilizatório e, simultaneamente, tal como se põe(m) na circunscrição do mundo vivido, no *hic et nunc*.

A noção de *significação*, amiúde conjuminada a tal conceito (ao longo do texto) na qualidade de “sujeito”, alude, do ponto de vista teórico-metodológico, necessariamente, ao fato de que, na gênese da presente argumentação, radica investigação sistemática, compreensão indutiva e apreensão sintética do objeto em jogo, particularmente no que respeita (1) à função que ele desempenha na organização social, (2) ao seu estatuto histórico no fluxo do modo de produção capitalista e (3) às conseqüências socioculturais e (trans)políticas aí implicadas.

O cumprimento dessa agenda, na forma de uma aferição reflexiva acerca da significação social-histórica de um processo ou fator social – tenha ele caráter visível ou invisível, seja ele verificável empiricamente ou não –, é fonte de valiosa lucidez em relação às características estruturais e conjunturais da época, bem como de produção de possibilidade de tensão em relação a ela, segundo princípios teóricos e epistemológicos de politização mais consistentes (cf. Trivinho, 2003b).

Uma excelente sistematização da matéria foi pioneiramente estabelecida por Castoriadis (1986, p. 201-257, 315-383).

⁵ O assunto – convém registrar – já havia sido objeto de reflexão dois anos antes (cf. Trivinho, 1999, Parte II, Capítulo III).

⁶ Milhares de *sites* proliferam a respeito na Internet. Simples busca pelo vocábulo com o auxílio de qualquer dos *browsers* internacionais disponíveis culmina em relação de *links* cujo rastreamento e processamento extravasam – hipérboles à parte – a medida de uma existência.

⁷ O presente texto configura enseja reparar que, à diferença do especificado no trabalho anterior (Trivinho, 2001b), o termo, embora não tenha sido proposto pela primeira vez por Virilio (1995b), foi por este inserido, de maneira original (ainda que sem tratamento conceitual específico), pelo prisma das ciências indicadas (longe, portanto, dos interesses das corporações do ramo mediático), num contexto de discussão crítica acerca do significado social do *cyberspace*.

perspectiva, importa atribuir-lhe significação toda particular, a fim de livrá-lo da necrose em que o pensamento instrumental e mercadológico, não raro conservadoramente ufanista, o mantém; de liberar, a partir de sua polissemia empírica, o seu potencial semântico crítico, tornado inativo por razões de controle social; e de estabelecer os pilares do discurso diametralmente contrário à doxa, escovando-lhe, ao revés, os interesses específicos, seja do Estado, seja do capital, seja ainda do chamado “terceiro setor”.

A utilização de significante idêntico ao desposado pela razão corporativa subordina-se a princípios de estratégia teórica. Importa, com isso, não apenas desvelar e esmiuçar a matéria social-histórica presente no fenômeno glocal e, nela, o pensamento tecnoburocrático, senão ainda, e principalmente, de jogar contra o sistema mediático e econômico algo identitário a ele mesmo⁸.

Para além de qualquer sazonal mimese, implicam-se, pois, duas categorias inteiramente dessimétricas. No âmbito corporativo e estatal, o glocal representa a empiria do modelo de mundo realizado, seus interesses e sua ideologia objetivados na infra-estrutura tecnológica disponível, suas tendências e horizontes transnacionais constatáveis em todos os setores. Sob o olhar da pesquisa científica e da reflexão teórica socialmente orientadas, mormente na áreas de Comunicação e afins, o glocal configura prisma conceitual para – conforme adiante circunstanciado – realizar-se o mapeamento e a dissecação da natureza, dos fundamentos e das conseqüências desse mundo no âmbito social-histórico, bem como, a partir disso, estabelecer-se os pontos de tensão teórica em relação ao *modus operandi* da civilização contemporânea. Tais apontamentos totalizam a ambigüidade, *a priori* insolúvel, da categoria do glocal.

Como o significante o indica, “glocal” é neologismo resultante da *hibridação cumulativa* de dois termos, global e local. O plasma semântico, sem sutura visível, entre eles faz do glocal alternativa de terceira grandeza, não redutível à mera somatória daqueles, tampouco a um ou a outro, isolados. Na nova via, global e local são um e mesmo e, simultaneamente, nenhum; globalização (ou globalismo) e localização (ou localismo)

restam dissolvidos.

O fenômeno coberto por essa fissão no plano do significante e do significado equivale, em linguagem empírico-metafórica, a um *laço sociotécnico invisível e irreversível* entre o *contexto concreto da existência* – ambiência representativa do reduto da experiência de acoplamento entre ente humano e máquina, ponto de acesso/recepção/retransmissão comunicacional – e o *universo áudio/visual da rede global* (de massa ou interativa), como dimensão hodierna representativa da cultura mundial satelitizada. O remate dessa combustão terminológica integraliza e encerra, por sua vez, o *contexto glocal*, lugar da existência humana tecnologicamente mediado e mercadologicamente promovido, em estrita compatibilidade com as necessidades de reprodução social-histórica da civilização mediática.

Tais injunções demonstram, acima de tudo, que o fenômeno glocal é – na acepção priorizada no presente ensaio – uma evidente *invenção tecnocultural original* da era das telecomunicações. Trata-se, como tal, de uma *construção sociotécnica* exclusivamente identitária a *tecnologias capazes de tempo real* (cf. Trivinho, 1998), tempo técnico instantâneo de articulação simultânea de contextos locais socialmente fragmentários. De todos os elementos conformativos do fenômeno glocal, esse é o mais decisivo. Em sua ausência, do ponto de vista mediático, inexistente fenômeno glocal. Equipamento de base desligado ou desativado, interface morta, desconectada da rede, configura, *a rigor*, precedência exclusiva de um *campo próprio local*, esfera tradicional de processamento da existência não tecnologicamente mediada, lugar de esgotamento irrecorrível da relação inextricável entre corporalidade, subjetividade e linguagem tão antigo quanto a história da humanidade. Disso se depreende, em termos fenomenológicos, que, se o *global mediático* pressupõe, *necessariamente*, o vetor glocal, nem sempre um contexto local equivale, de fato, a um contexto glocal. A conversão de um em outro, com a conseqüente dissolução de ambos, é dada pela *presença efetiva* do elemento da rede e/ou pela *vivência efetiva* (individual, grupal ou coletiva) da mesma. A diferença – enfatize-se – é o tempo real⁹.

⁸ De certa forma, o procedimento se assemelha à (anti)metodologia certa vez empregada por Baudrillard (1976) no âmbito da interpretação teórica de suas fontes de referência: “*il faut jouer Mauss contre Mauss, Saussure contre Saussure, Freud contre Freud*” (p. 8).

⁹ Em sentido estrito, o fator tecnocultural mais irredutível do fenômeno glocal – não seria equivocado dizer – é a *interface indexada pela rede*. Glocal é, nesse sentido, um *nada-técnico*, visto que a interface, encarada literalmente como *écran*, reduz-se, no fundo, a um *construto-superfície impalpável* de *pixels* animados pela luz da velocidade da luz (luminóforos), *mosaico-espectro* que se granula inteiramente diante de um olhar mais próximo e atento. O fenômeno glocal não se restringe, porém – conforme visto, a recortes dessa natureza, mais técnicos – dir-se-ia – que culturais. A seqüência da argumentação é disso uma demonstração mais apropriada.

Significação teórica da categoria do glocal

A categoria do glocal – deve-se frisar – integra o quadro dos prismas epistemológicos críticos de abordagem do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo que possibilita um trabalho satisfatório de *reescalonamento cumulativo* dos resultados atingidos pela produção temática e epistemológica em Ciências Humanas e Sociais, a categoria do glocal permite, mais precisamente, a *recontextualização e a renovação da crítica teórica da lógica da civilização mediática e, em particular, da cibercultura* – no que concerne especialmente à significação social dos *media* interativos e redes digitais –, a partir da bifurcação metodológica entre uma *antropologia filosófica* da primeira e uma *sociologia transpolítica* da segunda.

A categoria do glocal equivale, nesse aspecto, a um *diagrama metateórico estratégico*. Por um lado, todo um bloco social-histórico, ou melhor, todo um processo civilizatório específico, satelitizado, pode ser relido e melhor apreendido, em sua natureza, em seu desenvolvimento e em suas repercussões cotidianas, por meio desse prisma conceitual. Por outro lado, a categoria do glocal facilita a iluminação e/ou o reexame de interstícios problemáticos desse processo civilizatório, ainda pouco compreendidos ou mal avaliados e sobre cuja base faz doravante escola um *ciberufanismo neo-humanista e neo-iluminista politicamente ingênuo, não raro de tipo pragmático-utilitário e/ou místico*. A categoria do glocal permite instruir, com maior soma de consistência epistemológica, por exemplo, a crítica da *lógica da visibilidade mediática*, representada pelo concurso global de intencionalidades multicapitalistas da indústria cultural e da *megatecnoburocracia da informatização, virtualização e ciberespacialização da vida humana* (numa apócope, *megainfoburocracia*) (cf. Trivinho, 1999, Parte I, Cap. I, 2001b, p. 213-215). A categoria do glocal possibilita também especificar e melhor instrumentalizar a crítica do acoplamento corporal-tecnológico a que o *cyberspace*¹⁰ conduz e que a cibercultura positiviza e coisifica como se se tratasse de tendência natural dos fatos, um imperativo inflexível e irrecorrível, ao invés de uma subordinação – seja normativa, seja lúdico-prazerosa, convencionada no e pelo mercado (por pressão estabelecida via demanda da esfera do trabalho e da do lazer) –, do corpo e da subjetividade aos

ditames do *objeto infotecnológico* e da rede, bem como ao tempo social de ambos, na qualidade (para dizê-lo no mínimo) de pólos concentradores de interesses (também naturalizados) das corporações e instituições do ramo digital, interesses – diga-se – sempre originariamente exógenos ao campo próprio das singularidades. Nesse contexto, a categoria do glocal otimiza a apreensão da significação social-histórica da *hibridação imaginária entre ente humano e ente artificial*, tal como especificada mais à frente.

A par desses e de haveres correlatos, a categoria do glocal é o que, na área da Comunicação, faculta à teoria social respirar novos ares e, bem assim, retardar o seu envelhecimento. Ela escancara o horizonte para a necessária e fecunda releitura e reelaboração da própria Teoria da Comunicação (cf. Trivinho, 2001b), mormente no que concerne à sua dimensão epistemológica e temática.

Proposta de investigação

Nessa esteira, o presente ensaio está consagrado à investigação da significação social-histórica do fenômeno glocal na cibercultura, encarada não de maneira *exclusivamente* vinculada ao que se processa no interior do *cyberspace* – perspectiva restritiva que se tornou comum na literatura ensaística especializada, dentro e fora do Brasil –, mas, antes, como processo civilizatório e experiência humana das últimas três décadas. Como tal, a cibercultura configura época com talhe próprio, assentado em inédita convergência de matrizes tecnológicas num único padrão mercadológico, os *unimedia satelitizados* (representativos da *monopolização hipermediática* da rede em que se converteu o planeta), bem como em um incomparavelmente acelerado desenvolvimento tecnológico integrado (e cada vez mais defectivo e falível). Tão auto-esgotante em seu tempo real – embora esteja provida, nitidamente, de utopias próprias e, por isso, se coloque já para além da pós-modernidade (cf. Sfez, 1996, p. 22-34; Trivinho, 1999, Parte II, Cap. VIII, tópico 1, 2001a, p. 72-78) –, a cibercultura se apresenta como civilização projetada no e para o devir, com longevidade sem prazo.

Esse estirão social-histórico avançado aprofunda, diversifica, flexibiliza, multiplica e reescala o fenômeno glocal e o processo sociotécnico por ele desencadeado e nele fincado, a *glocalização da existência*. Há um contexto

¹⁰ Sobre a significação social peculiar do conceito de *cyberspace*, que alimenta o presente ensaio, e sobre a *política da reflexão teórica* implicada na utilização de seu significante no original inglês, à vista do que já se aprumou a respeito em etapas progressas da investigação em curso, cumpre, no momento, sob a devida licença, fazer remissão aos textos de Trivinho (1999, 2003a), constantes das referências bibliográficas. Razões procedentes, com efeito, encontram-se aludidas ou circunstanciadas no tópico IV.

glocal próprio dessa época, uma especificidade do fenômeno quando se trata de tecnologias do virtual e de redes digitais – *glocal ciberespacial ou interativo*.

Dois anos após o lançamento do ensaio inaugural (Trivinho, 2001b) e conjuntizados, no presente momento, dados mais refinados a respeito da matéria, importa avançar na investigação, mediante a provisão de novos temas, rumo ao desvelamento e assentamento de flancos de sentido ainda não apurados.

Glocal e processo de glocalização

O fenômeno glocal

A contar por sua natureza (tanto empírica, quanto conceitual), o glocal é da ordem das mesclas homogêneas, auto-obliterantes, irreversíveis. Por isso, em relação a ele, tudo é mais volátil, gelatinoso, abstrato e, até certo ponto, inapreensível do que imaginam os discursos corporativo-institucionais, jornalístico-mediáticos e mesmo os ensaístico-científicos correntes, seja na área de Comunicação, seja nas das Ciências Humanas e Sociais.

O glocal configura, obviamente, um *esquema tecnocultural fundamental* inserido e reafirmado no tecido social pelo *poder comunicacional vigente*, representado, a um só tempo, pela indústria cultural [*media* e redes de massa (rádio e televisão, no caso)], e pela megainfoburocracia (*media* e redes interativos) (Trivinho, 1999, Parte I, Cap. I, 2001b)¹¹. Tal esquema tecnocultural, estribado no e articulado pelo mercado – o seu efetivo motor, tão aleatório quanto incontornável –, é historicamente fomentado pelo desejo e pelo engajamento de milhões de consumidores (ouvintes, telespectadores, usuários) em todo o mundo. Não se trata, pois, de algo dado desde sempre. *O glocal é, antes, relação social*, de cujas injunções depende integralmente.

Com efeito, o glocal constitui, mais que isso, o veio fundamental em que se assenta o próprio processo civilizatório mais recente, em todas as dimensões implicadas, do social ao econômico, do político ao cultural. Em termos mais precisos, o glocal encerra a *forma irreduzível de auto-organização estrutural* da civilização mediática, *vis-à-vis*, da lógica do multicapitalismo tardio. O glocal representa a própria condição *sine qua non* de possibilidade dessa civilização, radicando, como tal, tanto na base de sua existência, quanto no modo pelo qual ela se expressa na história. Assim como, na teoria econômica de Marx, a mercadoria, como signo do todo, está para o desenvolvimento integral do capitalismo, o glocal está para o funcionamento estrutural dessa civilização.

O glocal sintetiza, em seu conceito e em seu *modus operandi*, a proliferação social das tecnologias comunicacionais, a mundialização mercadológica da cultura, a globalização econômica e financeira e a especificidade geográfica das culturas cidadinas. Ao mesmo tempo em que nivela e entretece tais fatores na vida cotidiana, o glocal representa a contextualização do processo mediático em e para cada um desses elementos. Sem o fenômeno glocal, não haveria, aliás, *globalização audiovisual informacional do capital*, tampouco o movimento social internacional mais recente de politização antiglobalizatória. Evocando-se o neomaniqueísmo corrente a ser superado, o glocal vem, pois, primeiro em relação aos conceitos desavisadamente consagrados pela produção jornalística e pela literatura ensaística, mormente econômica e política.

O glocal é o *vetor de articulação e modulação* não somente de todas as instâncias e setores sociais, mas também de sua produção simbólica, imagética e material, nele se expressando ou por ele passando (ou, ao menos, tendendo a fazê-lo) as manifestações e intervenções aí implicadas. Ao concentrar, num só fôlego, o processamento cultural hodierno do valor de troca e do consumo, das práticas políticas e da sociabilidade, da relação com a máquina e com o mundo, e assim por diante, o glocal influi até mesmo, indiretamente, nas formas de produção cultural que não são ou prescindem

¹¹ Tal separação, epistemologicamente estratégica, não pode, porém, ser entendida de maneira estanque. As fusões de capital de corporações de ambas as matrizes mediáticas e lógicas de consumo, bem como as convergências tecnológicas daí decorrentes, mormente a partir do início dos anos 1990 do século passado, embaralharam os dados em jogo, obnubilaram aspectos empíricos antes claros e assentaram tendências ainda não totalmente consumadas (se é que um dia o serão, dado não ser incomum o aborto ou suspensão das mesmas por desvios insuflados por repentes de mercado), culminando seja na reafirmação da lógica operacional-mediática original (*Web-rádio, cell-Web*), seja na modulação ou adulteração relativamente substancial da mesma em prol de outra lógica (*TV-Web e Web-TV*). Seria, pois, necessário, nuançar, na devida proporção contextual, os resultados teóricos da investigação. Tais considerações repercutem, obviamente, sobre o próprio tratamento teórico e epistemológico do fenômeno glocal, matéria cuja natureza escapa, com efeito, à circunscrição do presente ensaio.

de ser objeto de consideração por parte da agenda mediática.

Com tais qualificativos, o glocal constitui, por óbvio, um *fator condicionante da velocidade do metabolismo do multicapitalismo tardio*. Vige, nessa direção, como *vórtice mediático de aceleração simbólica, imagética e prática (direta ou indireta) da vida humana* em todos os domínios, do industrial ao pós-industrial, do campo à zona urbana, do trabalho assalariado às atividades de lazer, dos relacionamentos às patologias cotidianas, da moda e da religiosidade à formação de identidades, e assim por diante. Em outras palavras, ele é um fomentador da *dromocracia sociotécnica generalizada* em que se converteu a vida humana a partir da Segunda Guerra Mundial, com o incremento e universalização do *valor da imediatidade* em virtude da saturação das veiculações em tempo real (Trivinho, 2001a, 2002, 2003a; Virilio, 1984a, 1989, 1993, 1995a, 1997).

Pólo microestrutural mediaticamente despolarizado e desterritorializado de operacionalização sistêmica diuturnamente sutalizada nos contextos concretos da existência, o glocal encerra o *modo predominante de irradiação sociossemiótica (textual/imagética/sonora) e transmissão cultural* na história contemporânea. Por certo, não é único. Detém, no entanto, *status* de prevalência nesse âmbito. Como tal, ele é *eixo transpolítico descentrado e condicional de cimentação sociotécnica e cultural* no plano histórico¹².

Dessa forma, na esteira da utopia de Winner (1996), consolidada nos idos de 1940, o glocal contribui para adiar a entropia justamente nos níveis mais decisivos da vida social – vale dizer, o simbólico e o imaginário¹³.

É assim – e tão-somente – que o glocal se entrega como emblema exponencial de um mundo projetado pela *tecnologia como imaginário de preservação do modelo ocidental de formação social*: o glocal perfaz o diagrama básico de reprodução não somente da comunicação como modo ou estilo prioritário de vida, mas sobretudo da civilização

mediática como modelo típico de organização societária (Trivinho, 2001b).

Isso demonstra que o glocal não talha apenas a origem do mundo contemporâneo; em razão de sua relativa invariância, ele anuncia até mesmo a imagem do próprio futuro humano, e isso numa época que, irreversivelmente reduzida ao *presenteísmo do tempo real* e ao respectivo fluxo comercial de informação e imagem, está fadada – ao que tudo indica – à não-superação desse próprio esquema constitutivo, o glocal. *Alvorecer antidualético da era tecnológica da intrascendência*, gestado e suturado pelo fenômeno glocal, é condição aparente de devir que, mesmo a partir do *hic et nunc*, agora mediatizado, coloca-se, por isso, como infinda em sua espiral social de mudanças contínuas. Sob tal *pormenor dromoestático do social-histórico* – estando ela correta –, o futuro da humanidade transparece nítido: ou será glocal ou não será¹⁴. Nessa perspectiva, o glocal constitui, antecipadamente, o distintivo dos séculos correntes na e para a posteridade remota (*ibidem*).

Glocalização da existência e da experiência

O fenômeno glocal, na medida em que configura fato social total (cf. Mauss, 1974, p. 39-184), abarca evidentemente inúmeros derivativos, de alcance quer setorial, quer difuso: por exemplo, *desejo do glocal* (investimento da subjetividade e da pulsão gregária no contexto de interface como objeto e destino); *mentalidade glocal* (própria do individualismo hedonista contemporâneo, que, forjado na e pela necessidade de *comunicação eletrônica como prótese invisível do inconsciente*, não vivencia o mundo e o campo próprio

¹² A noção de transpolítica, abrigada no presente estudo, diz respeito a um modo de ser do social em que determinados fenômenos e processos – inúmeros, aliás – não passam mais pelo crivo das instituições políticas herdadas, tal como formalmente conjuminadas no moderno Estado de Direito, seja em seu viés liberal ou neoliberal, seja em seu modelo social-democrata ou socialista. Por força de perfil instável, não raro mutante em seu ineditismo histórico – quer por autoconstituição anômala, quer por natureza não-teleológica e/ou intrascendente –, trata-se de processos cujo nascimento, desenvolvimento e ocaso são integralmente impermeáveis ao potencial de controle tanto dessas instituições, quanto dos organismos multilaterais.

¹³ Se, por um lado, a comunicação eletrônica aparta no plano físico e corporal da existência, por outro une – nos níveis em que radica a subjetividade e o inconsciente – os fatores dispersos.

¹⁴ O cenário evoca, por óbvio, a noção de êxtase de Baudrillard (1983, p. 11-25, 1987, p. 9-10), a qual abarca processos, acontecimentos e situações que, ao ultrapassarem determinado ponto-limite (de aceleração e de excesso de si mesmos), caem em integral parálise, referencializando-se e esgotando-se num *modus operandi* além do real, “mais real que o real”, reino da simulação (Baudrillard, 1976, 1981).

senão pelo *écran* e pela visibilidade mediática); *práticas locais* [(políticas ou apolíticas) como contextualização das práticas culturais em contextos ou ambientes midiáticos]; *trocadas locais* [sociabilidade não mercantil e consumo via tecnologias de comunicação (de massa ou interativas)], e assim por diante.

O conceito de glocalização da existência, também derivado da categoria do glocal, nomeia a forma de articulação sociocultural e transpolítica da experiência humana correspondente a uma época marcada por redes comunicacionais, em especial o *cyberspace*. O conceito de existência tem, nesse âmbito, sentido lato e universal: sinaliza que o processo de glocalização configura condição matricial válida para todas as formações sociais, não se restringindo a nenhum setor particular, antes abarcando tanto a esfera do trabalho, quanto a do tempo livre e de lazer. Por seu turno, o corolário pragmático dessa expressão conceitual, a *glocalização da experiência*, diz respeito ao modo concreto no qual e pelo qual a glocalização da existência se consuma no contexto glocal; vice-versa, trata-se, em outras palavras, da contextualização específica daquele processo no âmbito imediato da vida subjetiva e de relação, numa palavra, no campo próprio.

Em registro paralelo – em retorno a dados básicos, mas necessários –, tecnologias capazes de rede e, sobretudo, de operação em tempo real – sejam quais forem – são, *stricto sensu*, *tecnologias de glocalização da existência e da experiência e, como tais, de acesso glocal a produtos culturais e à vida social*. O ambiente em que se encontram constitui o contexto glocal. Diferentemente deste, a *condição glocal*, compreendendo, por sua vez, a condição típica, cotidiana, de vida individual e social na civilização mediática, corresponde, a rigor, ao contexto glocal visto pelo prisma do social-histórico. Trata-se de conceitos referentes à idêntica empiria, aprendidos, no entanto, em e a partir de níveis de percepção e mediação teóricos distintos¹⁵.

Tais apontamentos lançam, retroativamente, luz sobre o processo de glocalização. *Reescritura mediática absoluta e avançada da vida humana, ela é o processo de geração permanente, de multiplicação ampliada e de enredamento em cadeia dos contextos locais em escala regional, nacional e internacional*. Não por outro motivo, ela faz confluír para o colo dos *media* (aqui compreendidos, exclusivamente, os meios de reproduzibilidade tecnológica em tempo real) os processos majoritários da tradição, da modernidade e da pós-modernidade como fatores modelares (ora cumulativos

e/ou entrecruzados, ora distintos ou opostos) de experiência cultural.

No que concerne à cibercultura, a glocalização da existência se dispõe como base diagramática de articulação sociocultural e transpolítica especificamente correspondente ao domínio do *cyberspace como modo de integração internacional* e, nessa modalidade, como *neo-utopia tecnológica* (Trivinho, 1999, Parte II, Cap. VIII; 2001a, p. 76-78), a do enredamento interativo (impossível e, portanto, mítico) do planeta inteiro, como pressuposto fundamental do acesso universal igualitário. Nesse contexto, a glocalização assume a forma (ou abarca os processos) de virtualização e ciberespacialização (pretensamente totais) das relações e práticas sociais.

Glocal, fractal, glocalização fractalizada

A dissecação da temática merece ser verticalizada, mediante inflexão especial. O contexto glocal é um *fragmento sociocultural rizomático*. Por sua concatenação em rede, cada contexto glocal remete à totalidade cultural a que pertence, do mesmo modo e na mesma intensidade com que um fractal se prende ao sistema maior que lhe indexa as formas de manifestação. *Grosso modo*, embora nem sempre determinado contexto glocal seja perpassado por informações e imagens que eventualmente circulam em outros redutos – tudo depende, obviamente, da capacidade e do alcance do acesso/recepção do equipamento de base, do oferecimento de serviços relativos à distribuição social do sinal e da espécie de material audiovisual disponível na área, entre outros fatores –, cada contexto glocal contém em si, de maneira concentrada e plena, a memória informacional e funcional do todo. É por isso que, mais além de representar o plasma homeostático entre global e local, o glocal é – lembre-se – fenômeno complexo.

Nessa perspectiva, o processo de glocalização se conforma como *processo de fractalização mediática* que abrange desde a espacialização geográfica (tecnicamente transformada, isto é, *urbis*) até a dimensão simbólica e imaginária do processo civilizatório. Ao satelitizar e espectralizar esta última, a *glocalização fractalizada* rearranja o lugar do corpo e do campo próprio (vale dizer, no reduto glocal), ao mesmo tempo que reescreve, reescalona e reinscreve no âmbito social-histórico os suportes e modos

¹⁵ O presente ensaio, a contar por sua tessitura argumentativa, urde-se, obviamente, a partir de visão focada na condição glocal, não no contexto glocal.

de produção, circulação, recepção, utilização e armazenamento dos signos e do sentido, bem como os modos e suportes da transmissão da cultura. Trata-se, no mais, de uma reordenação radical do processo civilizatório, que talha a originalidade da civilização mediática em comparação com outras etapas do desenvolvimento tecnológico.

Glocal e glocalização na cibercultura

A partir da apreensão, em linhas gerais, do fenômeno glocal, do processo de glocalização e do correlato feixe conceitual, contextualize-se doravante a matéria exclusivamente na circunferência da cibercultura, perfazendo-se um cenário teórico panorâmico compatível com a dissecação (de alguns aspectos relevantes) da *significação social-histórica do processo de glocalização avançada*.

Obliteração do espaço e do tempo Interatividade como verdade dogmática da comunicação

As características mais rudimentares da questão – ainda que suturadas por mediações teóricas de relativa verticalidade – sobressaltam, evidentemente, de maneira fluida quando se a apreende à primeira visada, em especial sob o quadro de fundo (comparativo) do contexto glocal de massa.

A *obliteração mediática do espaço territorial* (tal como legado pela tradição e experienciado pelo senso comum), desencadeada, no último quartel do século XIX, pela rede de telefonia, aprofundada, nas primeiras décadas do século XX, pelo rádio e levada às últimas conseqüências pela televisão após a Segunda Guerra Mundial, produz, na cibercultura, por cumulação à reverberação dessas redes, *socioespacializações audiovisuais* específicas, cibericônico-hipertextuais, como *não-lugar privilegiado de intervenção ou atuação humana* (Trivinho, 1999, Parte II, Cap. V, tópico I, item 1; 2001b, p. 204-207).

Em outras palavras, a ciberespacialização satelitizada do planeta pontilha, na miríade de contextos glociais, o virtual como espaço heterodoxo, imaterial, de

absorção dissuasiva das ações antes exclusivamente direcionadas ao espaço da *urbis* (Trivinho, 1999, Parte II, Cap. VII; 2001b).

Do território geográfico à interface e deste ao glocal: o percurso tecnológico avançado de obliteração do espaço realiza-se, com efeito, em consonância simultânea à reorganização do próprio lugar de inserção da existência: a *glocalização cibercultural* renova o contexto de acesso/recepção/retransmissão ao configurá-lo como *reduto de livre confinamento interativo* do corpo, da subjetividade e do campo próprio, *locus* a partir do qual se estabelece a relação com o mundo. É como se, em suma, o espaço fosse, a rigor, objeto de um *processo de reencantamento*, a resultante assemelhando-se a como se ele fosse totalmente reeditado, em estrita compatibilidade com as necessidades históricas dos novos tempos (Trivinho, 2001b).

Em simetria a isso, a *obliteração tecnológica do tempo ordinário* próprio das relações sociais e da subjetividade cotidianas não mediadas pela telecomunicação faz-se, mais além dos *media* de massa, em proveito do tempo real em sua modalidade mais flexível, *online*, tempo único que abarca e vincula todos os redutos glociais, “dia falso” no qual se projetam, se dissolvem e renascem todas as cidades semi- ou integralmente virtualizadas, assim como que hiperepostas à luz da velocidade da luz informática, tempo-fluxo absoluto, que, de tão imensurável em sua irreversibilidade, de tão convincentemente acrônico em sua ucronia, forjado pela razão tecnocientífica – “tempo sem tempo” e, portanto, sem transcendência (a exemplo do modelo mediático de civilização que o promove) –, funda o *presenteísmo glocal ciberespacial* como simulação perfeita (mas pretensa) e paradoxal, do tempo-que-passa dos contextos não-mediatizados (Virilio, 1984a, b, 1993, 1995a; Trivinho, 1999, Parte II, Cap. V, tópico I, item 2).

Na base dessa *desconstrução reconstrutiva* (para evocar, nas entrelinhas, Nietzsche), o *cyberspace*, como *tecido glocal avançado*, desmassifica o contexto glocal herdado (televisão à frente), ao inocular nele, *de maneira osmótica*, o *modus operandi* da relação bidirecional *online* (seja com a alteridade maquínica, seja com a alteridade humana virtualizada, seja ainda com a rede como agente audiovisual automatizado), (da relação) de proximidade por assim dizer *tête-à-tête*, atravessada de ponta a ponta por um *processo programado de personalização* (Lipovetsky, s/d, p. 7-16), de individualização exponencial, não raro confundido com liberdade e democracia pela visão neo-iluminista, pragmático-utilitária e/ou tecnoufanista da cibercultura. A interatividade – que o discurso celebrante vigente, seja no âmbito da publicidade comercial, seja no

da pesquisa acadêmica, transformou em *verdade dogmática referencial* (equivocada, por óbvio) para o julgamento dos demais modos de interação (Sfez, 1994, p. 275-276) – pulveriza as fronteiras entre pólos outrora definidos, corroendo, em conseqüência, os alicerces científicos da teoria convencional da informação e da comunicação (Trivinho, 2001a, p. 117-159): no glocal ciberespacial, o par emissor/receptor, em sendo, ao mesmo tempo, uma e mesma coisa, cedem lugar ao *sujeito teleagente*, que não somente interatua (com alteridades), mas também intra-atua (na socioespacialização hipermediática) (Trivinho, 1999, Parte II, Cap. IV, tópico 2; 2001a, p. 124-126).

Tal mixagem sociotécnica, cuja precisa apreensão pela representação teórica e epistemológica insere esta (apreensão), de maneira heterodoxa, no quadro das teorias da complexidade e, portanto, a aproxima mais ao movimento diverso (pós-moderno) do real, é, com efeito, sintomática de processos macrossociais e culturais em cadeia, de conseqüências evidentemente preocupantes, conforme a seguir circunstanciado.

Imaginário glocal unidimensional

A glocalização cibercultural da existência – processada, diga-se *en passant*, à sombra de um imaginário corporativo (industrial, pós-industrial, estatal e não-governamental) que se acostumou a ver nos espaços profissional e doméstico um *mercado de passagem* para tão-somente acercar-se melhor do corpo (como verdadeiro alvo)¹⁶, a despeito de sua usual retórica de suprimento de necessidades sociais –, conduz a um *acoplamento compulsório e fatal entre corpo e aparato tecnológico* jamais visto e experienciado, tanto em escala, quanto em intensidade, na história da vida cotidiana. O contexto glocal da cibercultura é o ambiente idiossincrático de processamento de uma *promiscuidade intersubjetiva dessimbólica (no sentido de proto-simbólica, antes que de desfazimento do simbólico)*¹⁷ entre ente humano e máquina, entre cérebro e produto da

tecnociência avançada, entre inteligência auto-organizada e inteligência artificial.

A (con) fusão imaginária aí gestada culmina, mais propriamente, na consolidação, seja em diâmetro social dilatado, seja no âmbito da existência individual, de um *imaginário glocal unidimensional*, atmosfera cultural – enfatize-se – de geografia nula (então refeita e consumada no signo, na interface-luz) e de tempo suspenso e, simultaneamente, simulado (na forma-fluxo de uma acronia virtualizada como não-lugar de atuação) na qual se deparam e (também) se plasmam (1) o imaginário individual como projeção utilitária do desejo de experiência de mundo no campo próprio (glocalizado ou não), (2) o imaginário do objeto infotecnológico (ou da própria técnica avançada, tomada em sentido genérico) como projeção dos interesses corporativos e institucionais de vários ramos informáticos (megainfoburocracia) e (3) o imaginário do mercado como projeção tendencial do desejo de consumo de categorias sociais específicas [*categorias dromocrático-ciberculturais* (Trivinho, 1999, Parte I, Cap. V; 2001a, p. 224-227)] em condições históricas determinadas. A ocorrência fenomenológica dessa complexa e até certo ponto instantânea, fatal (e, por isso, irresistível) mistura significa, no que tange ao sujeito interativo, a corrosão da *categoria da autonomia subjetiva* não somente em relação aos interesses e produtos das corporações e instituições mencionadas, mas também – a partir disso – em relação ao modelo instalado de *status quo* tecnológico, entorno de formas renovadas de desigualdade e de miséria social, atinentes à *velocidade como regime transpolítico invisível (dromocracia cibercultural) e como capital simbólico e material prioritário a ser compulsoriamente dominado (dromoaptidão própria)* (Trivinho, 1999, Parte I, Cap. V-VIII; 2001a, p. 219-227; 2002; 2003a). O comprometimento da autonomia subjetiva, por sua vez, pressupõe – mormente no que interessa ao fazer teórico –, o extermínio da tensão necessária em relação ao social-histórico, fato que, envolvendo – numa metáfora, à falta de termos mais expressivos – perda de autodefesa e imunidade, torna o sujeito e seu produto, a reflexão teórica, reféns fáceis dos valores correntes. O conseqüente depauperamento da

¹⁶ Fato velado de que os objetos infotecnológicos miniaturizados, de ultraportabilidade, são atualmente a maior evidência.

¹⁷ A noção de “proto-simbólico” é empregada por inspiração no esquema antropológico da teoria psicanalítica de Lacan (1966, 1977) acerca do simbólico e do imaginário – e, no caso, também no da sociopsicanálise de Lorenzer (1970, 1972, 1976) acerca da relação entre signo, símbolo e clichê. Eventos processados no contexto glocal interativo, bem como a maior parcela da significação de sua lógica macrossocial e tecnocultural, prescindem da linguagem (seja como função de aprofundamento do desconhecimento do mundo, do outro e do si-próprio, seja como vetor de esclarecimento e redenção), escapam a ela ou nela se assentam de modo incompleto ou defectivo.

leitura politizada do existente culmina em processo de vida arrebanhado e tutelado pelas tendências tecnológicas, comerciais e promocionais – tão indeterminadas e vertiginosas quanto incontornáveis – da cibercultura.

Significação social-histórica da ciberaculturação

Essa experiência de fusão se conforma – para dizê-lo numa expressão forçosa (mesmo em seu sentido figurado), mas veraz – como (uma espécie de) “laboratório” *processual, prático-imperceptível, descentrado (desprovido de controle) e aleatório (dependente das oscilações do mercado)* necessário à reprodução social-histórica da *civilização glocal avançada*. O *cyberspace*, como *neo-utopia transnacional* (desprovida de texto de fundação e de legitimação) (Trivinho, 1999, Parte II, Cap. VIII, tópico II; 2001a, p. 76-78), não açambarca corpos e mentes senão em nome e em proveito de necessidades sociais, econômicas e culturais responsáveis – via dimensão da transpolítica e do valor de troca (relação flutuante entre produção e consumo fora do controle do Estado e de instituições afins) – por tal perpetuação da cibercultura em níveis cada vez mais sofisticados tecnologicamente. Por isso, a questão, apreendida sob a perspectiva social-histórica, guarda proporções antropológicas.

O *processo de aculturação* típico da cibercultura não se reduz, portanto, à incorporação racional – e à conseqüente transformação em *habitus* [no sentido de Bourdieu (1983, p. 60-61)] – dos novos códigos e linguagens tecnológicos de acesso [a *sociossemiose plena da interatividade* (Trivinho, 2001a, p. 175-185; 2001c; 2003a)] a um lugar na *hierarquia dromocrática do presente*, na qual e para a qual particularmente o acesso à informação áudio/visual digital e aos objetos vinculados à velocidade infotecnológica funcionam como diferencial de *status* social. A genuína e original *ciberalfabetização socialmente ampliada*, na qualidade de aculturação de corpos e mentes às tendências da época – processo por muitos promovido como cláusula teleológica de emancipação, de *per se* infactível, sobretudo sob a égide da *lógica da reciclagem estrutural de objetos infotecnológicos e redes digitais* (cf. Trivinho, 1999, Parte I, Cap. IV, 2001a, p. 216-218, 2003a) tão necessária ao financiamento a longo prazo do tardocapitalismo

virtualizado –, reescalonada-se, no fundo, ao nível abstrato, quase inapreensível, antes apontado.

Tais injunções – as mais palpáveis e as mais invisíveis – respondem pelo mencionado *anseio surdo de totalidade longeva* por parte da cibercultura. Não por acaso, trata-se, no rastro dos *media* de massa, de uma *era tecnológica totalitária*. Nisso se encerra, por sua vez – na perspectiva da categoria da crítica –, o que significa, propriamente, interatividade.

Completa-se, nesse âmbito, o ciclo argumentativo: o *agenciamento cibercultural das singularidades* aí implicado – como, de resto, o das instituições do capital, do Estado, do terceiro setor e da economia informal – processa-se, justamente, a partir do, no e pelo contexto glocal¹⁸.

Bunker glocal, bunkerização da existência e imaginário mediático contemporâneo

Uma vez que a redução da investigação a dados de certa forma preambulares satisfaz pouco à reflexão teórica – sobretudo quando subordina (como sói acontecer hoje em dia, nos estudos sobre cibercultura e tecnologias do virtual) o trabalho do conceito à mera descrição terminológica e/ou ao mapeamento constatatório (desserviço à universidade há tempos convertido em modelo normativo a ser seguido, a pretexto de *práxis* científica genuína) – e já que idêntico aspecto assume o pensamento que não opera com resultados de mediações reflexivas mais apuradas, considerem-se, doravante, algumas temáticas fundamentais – apenas estas, em razão do espaço disponível no presente momento – para a apreensão mais aprofundada da significação social-histórica do fenômeno glocal na cibercultura. Elas apanham melhor – e mais criticamente – as suas características hodiernas.

A explanação feita no tópico anterior vê-se reescalonada ao se constatar que *o fenômeno glocal ciberespacial, seu contexto específico de consumação e o processo de glocalização interativa guardam relações – diretas ou indiretas, mas sempre umbilicais – com o campo da guerra e, portanto, com a questão da morte*. Tudo o que a eles se vincula acaba, de algum modo, em algum momento ou no

¹⁸ Nesse aspecto, não se observam, no essencial, diferenças em relação ao papel do glocal de massa na história contemporânea.

todo, participando dessa associação (a rigor, com *status* de enquadramento). As conseqüências teóricas e práticas antes assinaladas adquirem, pois, ar mais grave. Vê-se implicado nisso o coração da própria civilização mediática¹⁹.

Bunker. empiria e metáfora cognitiva Bunkerização glocal fractalizada

Se o processo de glocalização funda, de maneira pontilhada e espargida, o contexto glocal no tecido material, simbólico e imaginário do social e se assim ele reencanta o espaço geográfico ao vinculá-lo ao global como representação do que é longínquo e pantópico, esse arranjo se reconhece e se completa hoje numa imagem problemática: *o contexto glocal se conforma como bunker*.

Bunker é, reconhecidamente, uma metáfora forte e, por isso, complexa para ser aplicada a temáticas de caráter comumente (ou supostamente) civis. Não por acaso, traz consigo implicações dificilmente apreensíveis em sua integralidade, sobretudo no âmbito de um ensaio não dedicado exclusivamente à temática²⁰.

Bunker – para defini-lo de maneira sinóptica – nomeia os redutos ou, muitas vezes, cinturões fortificados, erigidos ou sulcados no solo ou construídos em patamar totalmente subterrâneo, para cumprir objetivos logísticos de proteção, resistência ou defesa contra investidas inimigas em contextos de guerra ou guerrilha e, como tal, para oferecer, simultaneamente, retaguarda a processo progressivo de contra-ataque.

Tratando-se de metáfora cognitiva, voltada para a otimização de desvelamentos científicos sobre matéria de natureza (aparentemente) diversa, o termo não comporta, por evidente, similaridade absoluta com seu referente original, tampouco se presta a aplicações diretas; deve, antes,

ser tomado na extensão permitida por sua ampla acepção figurada ou alusiva, cuja pertinência e veracidade, no âmbito do fenômeno glocal, estão fora de dúvida. Não obstante, a evocação do *bunker* como instrumento de elucidação de processos mediáticos transporta, evidentemente, para os respectivos contextos pontuais (os de recepção/circulação/retransmissão de informações e imagens) as características elementares de sua fonte de referência: a glocalização cibercultural é, de fato, identitária a (e, por isso, finca, no tecido social) contextos de resguardo e, como tal, de defesa e/ou resistência em relação ao entorno imediato ou mediato, bem como (é identitária) a seus elementos particulares (eventos, indivíduos, valores etc.) – defesa e/ou resistência em relação ao mundo, enfim.

Que a civilização mediática avançada se organize, nos e a partir de seus interstícios, de acordo com uma imagem de viés militar, demonstra e demarca – note-se necessariamente – não um problema de ordem (de escolha) conceitual e semântica, mas, antes, a própria realidade idiossincrática do processo social-histórico. Se o século XX, em que se originou e se consolidou a civilização mediática, foi, de ponta a ponta, assolado pelo flagelo e pelo fantasma bélicos, o glocal ciberespacial cumpre, nesse aspecto, a *mimese cultural figurada* (lisa, sem estrias) de seu próprio tempo. Se, a rigor, o fenômeno glocal nem sempre se conformou, fisicamente, como *bunker* – a contar pelos contextos tradicionais de recepção da programação radiofônica e televisiva até a chegada dos anos 1980 –, o *bunker*, por sua vez, tornou-se a imagem mais acabada (ou, ao menos, mais recentemente definida) do fenômeno glocal. Sob o risco de alguma reiteração (útil, de toda forma), o glocal interativo, constituindo, numa palavra, o *bunker* da cibercultura, assim se inscreve, desde já, na história da civilização mediática.

Nessa perspectiva, a fase hodierna do processo de glocalização assume feição mais burilada: realiza-se, no fundo, na modalidade de um estirão de *bunkerização* acentuada do território geográfico, do espaço habitável e,

¹⁹ Reconheça-se, aliás, que nenhum cenário é mais apropriado como objeto de esclarecimento na bárbara história do século XX (para não dizer no fluxo da própria cultura ocidental) – sobretudo agora, em tempos de conflito bélico internacional indefinido entre Estados nacionais e terrorismo de seitas – senão aquele em cujo centro consta o problema da guerra. Sua abordagem cumpre, presumivelmente, importante função teórica na área de Comunicação, ao permitir recuperar a memória dos íntimos liames entre comunicação, tecnologia e campo bélico, os quais nenhum saber científico poderia olvidar, sob pena de desserviço intelectual à história contemporânea das Ciências Humanas e Sociais. A tematização do *bunker*, proposital nesse contexto, não tem senão a finalidade de confrontar tal olvido, contribuindo para a exploração do caminho inverso, em relativa alusão ao método da “perlaboração” proposto por Lyotard (1988, p. 33-44) – numa palavra: sociopsicanálise do esquecimento (sintomático) na história cultural.

²⁰ A utilização do *bunker* como metáfora cognitiva em Ciências Humanas e Sociais é procedimento teórico recente. Ao que tudo indica, o pioneirismo dessa remissão remonta à primeira obra de Virilio (1975). Para um reconhecimento e/ou aprofundamento a respeito, em vinculação exclusiva com o *cyberspace*, vejam-se Kroker e Kroker (1995, p. 75-78) e Trivinho (1999, Parte II, Cap. VI, tópico IV, item 4, 2001a, p. 67-70, 2002).

nele, enfim, da vida cotidiana. Trata-se, numa expressão sinóptica, da *bunkerização glocal da existência*.

O conceito de *bunkerização* equivale a um neologismo para – como ele próprio o indica – cobrir, exclusivamente, no plano epistemológico, a tendência tecnológica e mediática de *autopoiesis* societária referencializada (e com *epicentro descentrado*) no *bunker*.

Se, como se vê, o fenômeno glocal funciona, social e culturalmente – no nível transpolítico do processo histórico –, como vórtice fractal e, ao mesmo tempo, se conforma como *bunker*, o processo de glocalização fractalizada anteriormente mencionado perfaz, nesse ponto, a sua real significação, de maneira que, a partir daí, tudo resta mais claro: o arranjo espaço-temporal e a tessitura simbólica e imaginária da cibercultura são, na verdade, esculpidos e fomentados por uma onda tecnológica de longa duração de *fractalização glocal bunkerizada* ou, dito ao modo inverso – em melhor compatibilidade com o presente trecho temático –, de *bunkerização glocal fractalizada*. É mediante esse e sob a égide desse processo pontilhado e espargido no social que a existência se desenrola na civilização mediática avançada. Mais precisamente, ele é, na atualidade, a forma pela qual se refunde, na linha que vai da esfera do trabalho à do tempo livre e de lazer, o lugar do corpo, da subjetividade e do campo próprio. O fenômeno glocal encerra, assim – para atualizar e precisar melhor a significação teórica da categoria do glocal –, uma sinonímia conceitual de expressiva monta: *a cibercultura é, no fundo, uma civilização bunker, vis-à-vis, bunkerizada, tanto no nível abstrato quanto concreto*.

Bunker glocal interativo Bunker como imaginário mediático

O *bunker glocal interativo* é, nessa esteira, a condição *a priori* e *sine qua non* da *experiência antropológica padrão* – socialmente dada no mundo vivido ou mundo da vida (Adorno, 1992; Habermas, 1987) – da tecnologia (de rede) na cibercultura. Como tal, ele radica em todo e qualquer uso ou apropriação que um indivíduo, grupo ou categoria social ou mesmo uma sociedade inteira faz dos objetos infotecnológicos e do *cyberspace*, com o objetivo de atuar no mundo (imaterial ou concreto) e influir sobre tendências correntes, na esfera local, nacional e/ou internacional. Numa palavra, é condição que, consciente ou não para o sujeito, subjaz na relação individual ou coletiva com a técnica avançada e, a partir dessa relação, com a forma pela qual tal técnica se organiza socialmente.

A veracidade de tal caracterização abarca o fato de que o *bunker glocal* não é, exclusivamente, uma construção material, física, sempre palpável. Ao contrário do *bunker* original e já por sua acepção metafórica, o *bunker glocal* não se reduz a uma espacialização tradicional, de arranjo sempre visível. Evidentemente, o *bunker glocal* alude a certa disposição contígua da infra-estrutura tecnológica na circunscção ambiente (domo ou escritório), *locus* mais comum do corpo e da subjetividade, do campo próprio assim mediatizado e, portanto, do acesso e da troca glocals. Não raro, os equipamentos envolvidos – “apetrechos” seria palavra forçosa não tivesse também a sua semântica indexada pela metáfora em jogo – são fixados de maneira tal que o sujeito, assim tecnologicamente “rodeado”, como numa arquitetura mínima e glacialmente rústica a lhe fazer cerco justamente para melhor resguardá-lo de ameaças exógenas, vê-se realmente autcartografado numa redoma (em geral, invisível ao si-próprio) cujo ponto capital (o seu lugar como sujeito interativo) é, por assim dizer, percebido, ao mesmo tempo, como relativamente sitiado por quem observa o cenário a partir de fora. Em geral, esse microcinturão tecnológico alimenta a (ou, ao menos, comparece vinculado à) ilusão de que a condição existencial por ele fundada e reproduzida concentra poder absoluto nas mãos do indivíduo, quando, ao contrário, caracteriza justamente – na perspectiva de uma antropologia politicamente orientada – perda social desse poder, a contar pelo flagrante e significativo decréscimo de autonomia humana observado num universo de *dependência tecnológica inaudita*, na forma de uma *subordinação fatal do corpo e da subjetividade ao objeto infotecnológico e ao cyberspace*. Certamente, essa imagem – a bem dizer, uma minifortaleza – evoca, de maneira vívida, a figura do *bunker*. Esse acoplamento compulsório entre carne e infra-estrutura tecnológica de fato fundamenta e condiciona, empiricamente, a legitimidade da noção operacional de *bunker*.

Entretanto, o *bunker glocal* é, acima de tudo, uma construção imaginária, forma muda e fluida pela qual a época, arranjando-se em segredo, relaciona-se consigo mesma, à revelia do direito de consciência (mas não da volição) dos contemporâneos. A fenomenologia do *bunker* é a *dimanação prática direta* de um imaginário social fincado na necessidade incontornável de proteção e/ou de defesa em relação ao mundo extensivo (supostamente exterior ao contexto glocal) e a seus acontecimentos e tendências. A *bunkerização glocal fractalizada* é a contrapartida simétrica de realização expandida desse imaginário defensivo. A par disso – vale dizer, desse estrato em que consiste e se encerra a sua mensagem mais óbvia –, o glocal interativo, *bunker* da cibercultura, torna, ao mesmo tempo, esse traço um dos

emblemas exponenciais do próprio imaginário social (mediático ou mediatizado) da época. Em palavras contextualizadas, o imaginário glocal unidimensional sintetiza-se no *bunker* como *imaginário mediático contemporâneo*.

Não por outra razão, o *bunker* glocal contempla – ainda que em plano secundário – uma determinada propensão mental-prática, instrumental, uma disposição comportamental-procedimental, fixada como *habitus* cotidiano (cf. Bourdieu, 1983, p. 60-61). Como tal, esse *bunker* integraliza e representa uma sensibilidade de mundo – que pode tornar-se até mesmo visão de mundo, com correlatas conseqüências práticas, dependendo do grau de introjeção e conscientização, pelo sujeito, do medo (sem objeto) socialmente gestado num processo de existência modulado pela violência difusa (simbólica e concreta) (Jeudy, 1979). O *bunker* glocal é um *ethos* específico, no sentido etimológico: forma de estar e de agir no mundo, em compatibilidade com as necessidades de reprodução social-histórica da cibercultura. Ele assim se põe, aliás, já em seu próprio domínio, o da interface com o objeto infotecnológico e com o *cyberspace*, vetores-suporte de agenciamento, instrumentação e condutibilidade social do *imaginário mediático de defesa*.

Bunker glocal, morte simbólica e campo bélico

A qualificação do glocal como *bunker* soma, do ponto de vista teórico, a vantagem epistemológica de concentrar maior potencial de iluminação sobre processos sinistros e intrigantes cuja apreensão, em circunstância diversa, sob perspectivas teóricas correntes em Ciências Humanas e Sociais, não poderia ser formalizada ou restaria sobremaneira restringida.

Evidentemente, o contexto glocal, na qualidade de *bunker*, envolve certo tratamento dispensado tanto ao entorno e à alteridade, quanto à cidade, à geografia mais extensiva e ao mundo. Numa *redoma invisível de resguardo e defesa*, tudo é feito mediante e a partir da teleação, com a

qual se interfere alhures. A reverberação imediata desse fato sobre o mundo vivido equivale a uma *produção tecnológica de desaparecimentos*.

Mais precisamente, a metáfora do *bunker* – em razão da fonte de referência em que se assenta – revela e fundamenta, com propriedade, que o glocal ciberespacial (de par, nesse aspecto, com o seu congêneres de massa) é *vetor de produção de morte simbólica*. Em perspectiva paralela, a conformação desse tipo de glocal como *bunker* não somente faz transparecer tal vocação mortuária, senão ainda a otimiza, ao demonstrar como a leva às últimas conseqüências. Embora represente um reencantamento histórico inédito do espaço (ou justamente por isso mesmo), o fenômeno glocal significa, por exemplo, morte do território geográfico como superfície de processamento da vida humana e morte da alteridade concreta como referência prioritária da intersubjetividade e como destino da relação social (não tecnologicamente mediada)²¹. A obliteração mediática do planeta leva de roldão a forma cultural do mundo, vale dizer, o mundo tal como ele, universo de valores e signos, havia se posto até então, na esteira da tradição e da modernidade: *exclusivamente* na materialidade da existência.

Esse bloco histórico longo e sua lógica antropológica foram, *tout court*, tanto mais destronados na cibercultura: perderam a aura²² e, com isso, o estatuto de prioridade cultural (na verdade, até então compulsória). A existência humana dispõe agora de dois âmbitos *conexos* de inserção: a imersão “natural” no real ordinário como experiência historicamente legada pela tradição cultural convive, nas últimas décadas, com a possibilidade de atuação em ambientes virtualizados, sob a agravante de que o pêndulo dos processos e tendências verga-se para estes últimos (a imaterialidade), em (quase) detrimento da alternativa anterior.

No excesso de contextos glociais socialmente fractalizados, todo destronamento – sobretudo o promovido pelo *cyberspace* – tem valor de *destruição simbólica*. Se se considerar, com efeito, que o ato de destronamento e o objeto destronado têm estatuto fenomenológico, ou seja, só se validam na medida e na forma em que se dão à percepção, toda destruição simbólica acaba por ter impacto efetivo. A tábua rasa do planeta e, com ele, do passado – (eliminação) como acontecimento histórico *non-stop* e como herança – é, *ipsis*

²¹ A metáfora do *bunker*, aplicada ao universo mediático avançado, contextualiza, num só fôlego – razão de sua potência crítica de esclarecimento –, as reflexões de Virilio (1980, 1984a, 1993, 1995a) acerca do desaparecimento irreversível do espaço e as de Guillaume e Baudrillard (1992) acerca da rarefação progressiva da alteridade concreta num mundo marcado pela profusão de espectros mediáticos. Em ambos os percursos, veja-se Trivinho (2004).

²² Para fazer uso livre – certamente impróprio, mas pertinentemente expressivo – de uma noção cara a Benjamin (1978).

litteris, da ordem do *bunker*. Nisso radica, numa palavra, o imaginário *bunker*, invenção mediática hodierna.

Em tal condição histórica e em contígua contrapartida ao exposto, o fenômeno glocal comparece como *vórtice velado de produção de substituições*. Sob a sua égide, a extensão geográfica se confina e se refaz no contexto de acesso/recepção/retransmissão, o panorama das cidades se esgotando – vale enfatizar – na interface como socioespacialização em tempo real, metonímia funcional do enredamento mediático planetário; a alteridade concreta é substituída pela alteridade espectral (Guillaume, 1989; Trivinho, 2004; e também Baudrillard e Guillaume, 1992), em sua modalidade virtual, feixe de signos (texto/imagem/som) vivificados por *pixels* animados pela luz da velocidade da luz (luminósforos).

Encerra-se, nesses alinhavos, o verdadeiro sentido da *neo-utopia tecnológica (já realizada) do glocal*. O processo de glocalização radiofônica e televisiva da existência inseriu o mundo na ordem do signo mediático, pulverizou-o no tempo real e assim o entregou à história, como mercadoria absoluta (na qual não há troca econômica efetiva). A produção tecnológica de desaparecimentos e substituições – construção social-histórica destruidora do

herdado e, vice-versa, desconstrução culturalmente criadora de novos valores e cenários (para evocar outra vez Nietzsche) – tornou-se um *equivalente geral da civilização mediática*. Com o advento da cibercultura, a conversão mais definida do território geográfico – plano em que até pouco tempo havia transcorrido exclusivamente o processo de socialização dos indivíduos – em mero “suporte material” da existência processou-se tão-somente para liquidar melhor o mundo, em favor do *universo virtual realizado*. O *telos* do glocal interativo é, em grande parte, o da ratificação e otimização do *planeta plenamente zero*. No todo, a colossal mudança, de proporções antropológicas (ou seja, muito mais do que meramente sociais), em se realizando no estirão do tardocapitalismo cibernético, advém – conforme sugerido – no ritmo e ao calor da linguagem dos negócios. O princípio do desaparecimento e o seu modelo correlato de mundo, o da instantaneidade (tão biodegradável para a memória social quanto identitário a longas durações históricas), tornaram-se cânones de mercado. Não é à toa, portanto, que se fala, equivocadamente, de globalização econômica quando, com isso, quer-se referir, no fundo, à *glocalização da ciranda financeira* (produtiva ou especulativa).

Referências

- ADORNO, T.W. 1992. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo, Ática.
- BAUDRILLARD, J. 1976. *L'échange symbolique et la mort*. Paris, Gallimard.
- BAUDRILLARD, J. 1981. *Simulacres et simulations*. Paris, Galilée.
- BAUDRILLARD, J. 1983. *Les stratégies fatales*. Paris, B. Grasset.
- BAUDRILLARD, J. 1987. *L'autre par lui-même*. Paris, Galilée.
- BENJAMIN, W. 1978. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: L. COSTA LIMA (org.), *Teoria da cultura de massa*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 209-244.
- BOURDIEU, P. 1983. A economia das trocas lingüísticas. In: R. ORTIZ (org.), *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo, Ática, p. 156-183.
- CASTORIADIS, C. 1986. *A instituição imaginária da sociedade*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CIORAN, E. s/d. *A tentação de existir*. Lisboa, Relógio d'Água.
- GUILLAUME, M. 1989. *La contagion des passions: essai sur l'exotisme intérieur*. Paris, Plon.
- GUILLAUME, M. e BAUDRILLARD, J. 1992. *Figures de l'altérité*. Paris, Descartes.
- HABERMAS, J. 1987. *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris, Fayard, 2 v.
- HARVEY, D. 1992. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Loyola.
- JEUDY, H.-P. 1979. *La peur et les média: essai sur la virulence*. Paris, PUF.
- KROKER, A. e KROKER, M. 1995. *Hacking the future: stories for the flesh-eating 90s*. New York, St. Martin's Press.
- KROKER, A. e WEINSTEIN, M. 1994. *Data trash: the theory of the virtual class*. New York, St. Martin's Press.
- LACAN, J. 1966. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva.
- LACAN, J. 1977. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: J. LACAN et al., *O sujeito, o corpo e a letra: ensaios de escrita psicanalítica*. Lisboa, Arcádia, p. 19-28.

- LYOTARD, J.-F. 1988. *L'inhumain: causeries sur le temps*. Paris, Galilée.
- LIPOVETSKY, G. s/d [1983]. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio D'Água.
- LORENZER, A. 1970. *El lenguaje destruido y la reconstrucción psicoanalítica*. Buenos Aires, Amorrortu.
- LORENZER, A. 1972. *Bases para una teoría de la socialización*. Buenos Aires, Amorrortu.
- LORENZER, A. 1976. *Crítica del concepto psicoanalítico del símbolo*. Buenos Aires, Amorrortu.
- MANDEL, E. 1985. *O capitalismo tardio*. 2ª ed., São Paulo, Nova Cultural.
- MAUSS, M. 1974. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, v. II.
- MARCUSE, H. 1967. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro, Zahar.
- NIETZSCHE, F. 2001. *A gaia ciência*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ROBINS, K. 1996. *Into the image: culture and politics in the field of vision*. London; New York, Routledge.
- SFEZ, L. 1994. *Crítica da comunicação*. São Paulo, Loyola.
- SFEZ, L. 1996. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo, Loyola/Unimarco.
- TRIVINHO, E. 1998. *Redes: obliterações no fim de século*. São Paulo, Annablume/FAPESP.
- TRIVINHO, E. 1999. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 466 p.
- TRIVINHO, E. 2001a. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro, Quartet.
- TRIVINHO, E. 2001b. Glocal: para a renovação da crítica da civilização mediática. In: S. FRAGOSO e D. FRAGA DA SILVA (org.), *Comunicação na cibercultura*. São Leopoldo, Unisinos, p. 61-104.
- TRIVINHO, E. 2001c. Cibercultura, iconocracia e hipertexto: autolegitimação social na era da transpública e dos signos vazios. *Galáxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura*. São Paulo: EDUC, n. 1: 111-125.
- TRIVINHO, E. 2002. Velocidade e violência: dromocracia como regime transpúblico da cibercultura. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *A incompreensão das diferenças: 11 de setembro em Nova York*. Brasília: IESB. p. 257-272.
- TRIVINHO, E. 2003a. Cibercultura, sociossemiose e morte: sobrevivência em tempos de terror dromocrático. *Fronteiras: estudos midiáticos*. São Leopoldo: vol. V, n. 2: 97-124.
- TRIVINHO, E. 2003b. Estética y cibercultura: arte en el contexto de la segregación dromocrática avanzada. São Paulo, 11 p. [Texto a ser publicado na revista *deSignis*, da Federación Latinoamericana de Semiótica, n. 7, 2005 (Los medios audiovisuales entre arte y tecnología)].
- TRIVINHO, E. 2004. Alteridade, corpo e morte no cyberspace: cicatrizes de um hipercrime na epifania do virtual. *Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, 23:30-50.
- VIRILIO, P. 1975. *Bunker Archéologie*. Paris, Éd. du CCI.
- VIRILIO, P. 1980. *Esthétique de la disparition*. Paris, Balland/Galilée.
- VIRILIO, P. 1984a. *L'espace critique*. Paris, Christian Bourgois.
- VIRILIO, P. 1984b. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo, Brasiliense.
- VIRILIO, P. 1989. *La máquina de visión*. Espanha, Cátedra.
- VIRILIO, P. 1993. *A inércia polar*. Lisboa, Dom Quixote.
- VIRILIO, P. 1995a. *La vitesse de libération*. Paris, Galilée.
- VIRILIO, P. 1995b. Vitesse et information: alerte dans le cyberspace!. *Le Monde Diplomatique*. (Versão em inglês, *Speed and information: cyberspace alarm!*. Acessado em: 05 mar. 1998, disponível em: http://www.ctheory.com/a30-cyberspace_alarm.html).
- VIRILIO, P. 1996. *Velocidade e política*. São Paulo, Estação Liberdade.
- VIRILIO, P. 1997. *Cibermundo: ¿una política suicida? – Conversación con Philippe Petit*. Santiago, Dolmen.
- WINNER, N. 1996. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. 15ª ed., São Paulo, Cultrix.